

A participação da Gestão Pública de São Paulo em combate às enchentes: Guaianases, um estudo de caso por meio do Jornal Folha de Guaianases.

INGRID PAULA DOS REIS*

Guaianases, um apontamento sobre seu crescimento.



Guaianases é um Distrito da capital de São Paulo, localizado no extremo leste da cidade, possui uma área total de 17,80 km², 226,667 habitantes¹ e três bacias hídricas: Bacia Rio Itaquera, Bacia do córrego Itaquera mirim e Bacia do Ribeirão Lajeado²

O bairro fez parte do processo de grandes modificações ocorridas no estado de São Paulo e foi conhecido por muitos anos como bairro dormitório, pelo fato de os moradores viverem na região, mas trabalharem no centro da capital. Não havia indústrias na região, os alimentos e os tijolos eram feitos pelas próprias famílias do proprietário das terras. Observemos como se deu a formação de Guaianases ao longo dos anos.

A formação do bairro de Guaianases se deu a partir do século XIX. Era conhecido por Lajeado e pertencente à Penha, elevada à Freguesia, regiões estas que atualmente fazem parte da Zona Leste da cidade. A partir daí, Lajeado se torna uma paragem³ de São Miguel, tido como distrito no ano de 1891. É por meio da obra do autor Sylvio Bomtempi que iremos descrever características da região de Guaianases e as principais atividades desenvolvidas em sua fase de formação, pois não foi encontrada nenhuma outra obra que tivesse como foco principal o estudo da região atual de Guaianases.

“Lajeado, paragem do distrito de São Miguel, cujas favoráveis condições geográficas lhes deram relevo no setor alimentar da cidade. Expandiu-se por suas terras a cultura de hortaliças e legumes e muitas capoeiras cederam lugar aos grandes pomares...”⁴.

*Graduada em História pela Universidade Camilo Castelo Branco 2009 sendo bolsista do projeto de Incentivo à pesquisa da mesma instituição em 2008, Pós Graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP, no curso de História, Sociedade e Cultura, concluído em agosto/2012.

¹<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidades/secretarias/subprefeituras/dadosdemograficos/index.php?=12758>. Acesso 10.04.2012. Dados referentes ao ano de 2010.

² Informação retirada do Plano Regional Estratégico de São Paulo, de acordo com a Lei nº13.430, de 13 de setembro de 2002 (PDE).

³ Local de parada ou local onde algo ou alguém pode ser encontrado. Fonte: Dicionário Aurélio.

⁴ BOMTEMPI, Sylvio. O bairro de São Miguel Paulista: a aldeia de São Miguel de ururá na história de São Paulo, série história dos bairros de São Paulo – VII, pg 21.

Podemos observar que, já no final do século XIX, a produção de alimentos na região tinha um grande desenvolvimento. Isso se deveu à sua considerável distância do centro da capital⁵ e às suas grandiosas dimensões para tal prática. Lajeado passou a ser considerado, portanto, zona rural.

Ainda, é do conhecimento popular que Guaianases constituiu-se de olarias fabricantes de tijolos transportados para todo o estado de São Paulo. Entretanto, há ausência de documentações que comprovem sua existência. A busca de tais documentos foi feita nos órgãos responsáveis da subprefeitura do bairro, que alegaram não saber do paradeiro de documentos anteriores à fundação do cartório da região. Isso confirma o desprezo em relação à memória local, situação já discutida em outro artigo⁶ em que trabalhamos a questão indígena em Guaianases.

Outro importante aspecto da região é a presença da estrada de ferro, inaugurada em 1875, como Estação Lajeado. Nos anos 30 passou a ser Estação Carvalho de Araújo e atualmente é a Estação Guaianases. A ferrovia, desde o início, teve importância tanto para o transporte de pessoas como para o de mercadorias sendo o principal destino o centro da capital. A linha férrea veio também facilitar o deslocamento de moradores recém-chegados de diferentes regiões, tanto de dentro do Brasil como de outros países.

Em 24 de dezembro de 1948, o distrito de Lajeado teve sua denominação alterada para Guaianazes⁷, como figura na divisão judiciária administrativa do Estado através da Lei nº 233.

O significativo desenvolvimento em Guaianases, proporcionado pelas características acima descritas, acarretou diversos benefícios à população, mas ao mesmo tempo em que a região progrediu também surgiram consequências maléficas como as enchentes e as inundações. Problemas estes, obviamente, não exclusivos de Guaianases, tendo em vista que alagamentos são consequência do progresso sem planejamento urbano-arquitetônico adequado.

“O crescimento desordenado do bairro - alavancado, sobretudo a partir de 1940, com a intensificação das migrações permitiu a ocupação de áreas de manancial e

⁵ A distância do Distrito de Guaianases ao centro de São Paulo é de aproximadamente 23km.

⁶ Artigo “Guaianases, resgatando memórias e origens: uma análise através do tempo” apresentado na Universidade Camilo Castelo Branco no núcleo de Iniciação Científica.

⁷ O bairro está escrito com “Z” devido à primeira nomeação. Será utilizado o “S” de acordo com as regras da Nova Ortografia. No distrito ainda podemos encontrar placas antigas onde o nome do bairro é grafado com “Z”, mas todas as novas placas postas na região e em outros municípios próximos já estão sendo alteradas para a letra “S”.

*de regiões sujeitas a enchentes e de alto risco para o estabelecimento de moradias”.*⁸

Esta citação, extraída do site da Prefeitura de São Paulo e retirada da página da subprefeitura de Guaianases, descreve aquilo que vem sendo trabalhado neste artigo: o crescimento populacional traz drásticas consequências e uma delas é o descaso sobre as questões relacionadas às moradias na região.

Com o crescimento horizontal da cidade de São Paulo surge demanda social por moradias e infraestruturas. Porém, por falta de condições financeiras para adquirirem terrenos legalizados e próximos a centros urbanos, restava a muitos moradores de Guaianases e de tantos outros bairros periféricos a ocupação de morros, encostas e margens de rios, espaços estes vulneráveis e perigosos para habitação.

*“...as políticas públicas, em nome do progresso, escondem (nem sempre com sucesso) os interesses imobiliários que no seu desenvolvimento deslocam favelas, expulsam os que deixam de “ser compatíveis” com as mudanças (leia-se, expulsão da população como poder aquisitivo inferior àquele que a “nova área” deverá atrair)”*⁹.

Logo, os grandes centros configuram-se apenas como local de exercício do trabalho, reforçando assim a condição dessa população às margens da sociedade. Ademais, surge uma relação fundamental que não podemos deixar de expor; a expansão urbana e o crescimento populacional desordenado e, portanto, a ausência de saneamento básico e as más condições de infraestrutura básica para uma população, ou seja, o não tratamento de esgotos e do lixo, a falta de limpeza de ruas e da canalização de córregos.

Defendemos a importância do saneamento básico para as populações, citando a ideia proposta por Mauricio Waldman:

*“A ausência de uma política habitacional tem como resposta a ocupação de áreas ambientalmente frágeis, caso da beira dos córregos, encostas íngremes, várzeas inundáveis e áreas de proteção dos mananciais, que constituem a única alternativa para os excluídos do mercado residencial formal”*¹⁰.

⁸<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/guaianases/historico/index.php?p=151>. Acesso 05/05/2012.

⁹ América Latina: cidade, campo e turismo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. página 75-88, Ana Fani Alessandrini Carlos.

¹⁰ História da cidadania. Jaime Pinsky, Carla Bassanezi, (orgs.) 4 ed – São Paulo: editora Contexto, 2006. pp 551.

Sendo assim, tal situação revela nítida “exclusão social” do ponto de vista estrutural e cultural da sociedade, reforçando cada vez mais o estado de desigualdade e inferioridade social desta população.

Como já dito, a questão das ocupações irregulares de terrenos com riscos de alagamentos não é fato exclusivo da atualidade, afinal as margens de rios sempre foram ocupadas. O problema se intensifica com o processo de urbanização, isto é, com a pavimentação de áreas, chegando a cobrir grandes porções dos cursos fluviais e até mesmo de córregos inteiros.

Tão históricas quanto as inundações são as reivindicações da população paulista, que cobra das autoridades a tomada de soluções de combate e prevenção aos danos decorrentes das chuvas, quase sempre sem serem atendidas.

Para verificar a partir de e desde quando a população do Distrito de Guaianases tem necessitado de obras públicas e também para verificar quais foram as medidas tomadas pelos órgãos públicos responsáveis para resolver tais mazelas, primeiramente expomos sucintamente como se deu o progresso da cidade de São Paulo e depois analisamos algumas matérias do jornal Folha de Guaianases, veículo fundamental de registro do cotidiano da população estudada.

Enchentes e inundações, problemas constantes em São Paulo.

“Na capital paulista, os problemas oriundos das enchentes e inundações correspondem ao passado e ao presente. Mesmo antes do período imperial, grandes enchentes resultavam em danos à cidade”¹¹

Podemos perceber que a questão dos alagamentos em diversas regiões do estado de São Paulo não é algo novo. Tal estado vem sofrendo problemas de alagamentos muito antes de seu crescimento urbano e populacional. De acordo com a Dr^a Denise Bernuzzi Sant’Anna, desde o período imperial já havia programas de engenharia para melhoria da drenagem dos rios.¹²

¹¹ Sant’Anna, Denise Bernuzzi de. Cidade das águas: uso de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901) – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.p148.

¹² idem.p148

Hodiernamente, deparamo-nos com uma São Paulo em constantes mudanças em sua geografia. São Paulo foi o estado que teve o principal crescimento industrial do Brasil, proporcionado pela economia cafeeira.

Havia em São Paulo um grande número de imigrantes, principalmente italianos e espanhóis, que viviam em colonato na agricultura. Estes, desiludidos com o trabalho no campo, buscaram novas oportunidades na cidade. Grande parte desses imigrantes passou a servir de mão-de-obra para as indústrias, principalmente nas indústrias têxteis, seduzidos pelo trabalho assalariado.

São Paulo teve o início de sua metropolização na década de 40, a indústria já se consolidava e a cidade tomava maiores proporções, diminuindo cada vez mais a zona rural. A busca de novas oportunidades de trabalho e de melhoria na condição de vida acarretou crescimento desordenado na cidade de São Paulo. Foi neste mesmo período que se deu o aumento das indústrias na cidade. Estas ideias são confirmadas pela obra de Vinicius Caldeiras Brant, *São Paulo: trabalhar e viver*.¹³

E é nesta mesma obra que podemos verificar, por meio de dados gráficos, que a população de São Paulo, no decorrer de um período de 10 anos, passou por diversas e intensas transformações. De acordo com o autor, “os municípios que constituem São Paulo tinham apenas 12% da população vivendo em área rural, em contraste com os 56% correspondentes ao resto do estado”.¹⁴

Portanto, São Paulo, por conta de significativa alteração econômica, gerada por fatores internos e externos, gerou fluxo de pessoas do campo para a zona urbana, o que demandou mudanças de infraestrutura populacional, alterando visivelmente o cenário urbanístico-geográfico.

É a partir deste contexto do estado de São Paulo, e mais precisamente da cidade de São Paulo, que entraremos na questão do Distrito de Guaianases. Este Distrito teve participação ativa no crescimento de São Paulo, contribuiu com sua vasta produção de alimentos e de tijolos e acolheu diversas pessoas vindas de várias regiões do país e de fora dele, principalmente europeus. São as consequências deste crescimento o objetivo de estudo do presente artigo.

¹³ Brant, Vinicius Caldeira, coord. *São Paulo: trabalhar e viver*. São Paulo, Comissão Justiça e Paz/Brasiliense, 1989.p22.

¹⁴ idem, p20.

Folha de Guaianases: O Jornal do Front.

O jornal Folha de Guaianases foi fundado no ano de 1987, por Jorge Teixeira da Costa Stephenson. Foi idealizado com base no trabalho comunitário e na função de repórter de seu pai em alguns jornais locais.

Jorge Teixeira da Costa é diretor-proprietário do jornal, exerce a função de redator, jornalista e administrador da empresa, nasceu e mora até os dias atuais em Guaianases. É Bacharel em Direito e pós-graduado em Direito Civil. Atualmente também é presidente da Sociedade Amigos de Guaianases (SAG), idealizada por seu pai, Jesus Teixeira da Costa, que presidiu a mesma durante 37 anos consecutivos.

Jorge Teixeira da Costa por diversas vezes candidatou-se a cargos políticos. Em 1998 se candidatou a deputado federal pelo PDT; em 2000 para vereador da cidade de Ferraz de Vasconcelos pelo PDT; em 2002 para deputado estadual também pelo PDT e, por fim, em 2004 para vereador de São Paulo pelo PSB. Em todos estes cargos ficou como suplente.

“Ao escolher a seção de notícias como fonte, o historiador obtém do jornal o cotidiano da vida social no momento de seu acontecer. Por isso mesmo, a informação obtida é fragmentada. Quem dá sentido aos fatos é o historiador, articulando a custa duração de sua eclosão as outras temporalidades da História”¹⁵.

A análise do jornal Folha de Guaianases nos demonstrou que o objeto de estudo é uma fonte ampla de notícias que nos possibilita o retorno ao passado e torna capaz a reconstrução de fragmentos da vida cotidiana dos moradores do Distrito. Daí o título desta seção ser Jornal do Front, pela tentativa de Jorge Teixeira de transpor as angústias vividas pela população, sendo o nosso foco a análise das angústias sofridas durante e após as enchentes.

“Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. A imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidas em outras épocas”¹⁶.

É de conhecimento geral que o veículo jornal não é apenas uma fonte de informação, torna-se também uma fonte histórica. E como tal, além de informar a população, espelha

¹⁵ O historiador e seu tempo: encontros com a história/Antonio Celso Ferreira, Holien Gonçalves Bezerra, Tânia Regina de Luca (orgs.). – São Paulo: Editora UNESP: ANPUH, 2008. pp137.

¹⁶ Capelato, Maria Helena Rolim. Imprensa e história no Brasil. São Paulo: Contexto, 1988, p24,25.

múltiplas ideologias e conflitos existentes em determinado meio social onde são vividos. Isso nos leva a crer que não encontraremos nenhuma notícia que descreva a “verdade”. Análises deverão ser feitas para serem encontrados sentidos escondidos nas entrelinhas dos textos jornalísticos.

Portanto, evidencia-se que o objetivo deste artigo não foi buscar nas chamadas do jornal Folha de Guaianases informações objetivas sobre a realidade da região, nem julgar quais chamadas realmente se aproximam do real. Temos a intenção de analisar e de descrever a todos os leitores deste veículo como transcorreu toda a situação emergencial em busca de soluções para o problema que atingia grande parte dos moradores de Guaianases, as enchentes e as inundações relatadas por Jorge Teixeira, como veremos a seguir.

Na primeira edição, o jornal apresenta fotos de Guaianases do início do século XX, com a seguinte chamada: *“Guaianases - Passado, Presente e Futuro”*. Neste periódico, há informações de como serão as publicações dos futuros exemplares e dos diversos anúncios do comércio local. Percebe-se a partir deste primeiro exemplar que o jornal viria a ser o porta-voz da população da região.

Na edição de número 390, datada de Agosto de 2010, período de gestão do prefeito Gilberto Kassab, encontramos a notícia na Folha de Guaianases com a seguinte chamada:

“Municípios querem saber: O Itaquera Mirim não vai mais transbordar”.

Esta manchete demonstra claramente a posição pessoal do jornalista. Seu lado emocional se destaca, afinal o mesmo vive a realidade do bairro e a realidade das lutas dos moradores em busca do fim aos inúmeros transtornos. Tais emoções demonstram a frustração dos que estão vivendo naquele momento, em relação à situação referente aos problemas urbanos não solucionados no decorrer de vários anos.

A edição de nº 02 de outubro de 1987, período de gestão de Jânio Quadros na prefeitura de São Paulo, denuncia:

“O córrego problemático de Guaianases”

Esta matéria traz aos leitores denúncia referente ao córrego Itaquera Mirim e sua atual condição, um córrego sujo, repleto de detritos, como o jornalista mesmo diz “um esgoto a céu aberto”. Problema este que vem sendo vivido por moradores e comerciantes locais no

decorrer dos anos, devido ao mau cheiro, às doenças transmitidas pelos roedores e pelos diversos insetos.

A edição de nº 05 de Janeiro de 1988, ainda na gestão Jânio Quadros, tem a seguinte chamada:

“O drama do córrego Itaquera Mirim”

Esta reportagem retrata a situação de caos vivido pelos moradores das redondezas do córrego que, durante o período de chuvas, têm suas casas invadidas pelas águas do córrego.

A reportagem também aponta sobre a administração local o seguinte: “A Regional de Guaianases, incapaz e impotente, nada faz para solucionar o problema e ainda ofende os moradores”. Destacamos este trecho para enfatizar o que vimos afirmando. Uma engenheira¹⁷ que visitou a região proferiu discurso discriminatório ao afirmar que “ na Vila Ferreira¹⁸ só moram os ratos”. A função desta engenheira era apenas estudar a possibilidade de construção de uma ponte para facilitar a passagem dos moradores, pois os mesmos utilizavam passagem de madeira, correndo o risco de quedas.

Confirmamos, portanto, que quanto menor a renda de determinada população, mais à margem da sociedade ela é colocada. Com a marginalização, vem o descaso e a sensação de desamparo.

A edição de nº 69 outubro 1993, período de gestão de Paulo Maluf na prefeitura de São Paulo, revela mudanças nos rumos das ações sobre os córregos da região:

“São Paulo Cidade Limpa”

São Paulo Cidade Limpa foi um projeto idealizado por Paulo Maluf e pelo deputado Ricardo Izar. Dentre todas as questões de limpeza pública, uma das que mais nos chamou a atenção foi a questão das limpezas de galerias. Tais galerias e as bocas de lobo seriam limpas na intenção de sanar os problemas dos alagamentos, mas a situação precisaria ser mais aprofundada, já que não é apenas o lixo que ocasiona as enchentes, mas também o fato de não haver vazão suficiente para as águas da chuva escoarem.

¹⁷ O jornal cita apenas o nome Carmem.

¹⁸ Vila Ferreira é um bairro do distrito de Guaianases por onde passa o córrego Itaquera Mirim, neste bairro moradores solicitaram a prefeitura a construção de uma ponte para facilitar a travessia dos pedestres.

A edição de nº 111 de junho de 1996, ainda sob o período de gestão do prefeito Paulo Maluf, noticia:

“Guaianases comemora 135 anos sem motivos para festa”

Dentro desta edição, a “revolta” da população se refere à falta de infraestrutura encontrada em diversas partes de Guaianases. O que mais fica claro nesta matéria é a indignação da população frente aos políticos, que em períodos eleitorais vão à região, fazem diversas promessas de melhorias e, após serem eleitos, jamais retornam, ou fazem algo de bom para aqueles que o elegeram.

A edição de nº 186 de janeiro de 2000, período de gestão do prefeito Celso Pitta, indaga:

“Enchentes: culpa de quem?”

Esta matéria não faz referência específica à Guaianases. Chama a atenção sobre a realidade da cidade de São Paulo acerca dos alagamentos. Culpa de quem? Do governo que não realiza obras de canalização e desassoreamento dos rios? Ou de uma parte da população que joga lixo nas ruas e córregos?

Esta matéria tem como objetivo conscientizar a população de São Paulo em relação ao lixo jogado em vias públicas e em córregos. Ainda alerta sobre a necessidade de limpeza e extração de resíduos por parte da gestão pública do estado.

A edição de nº 222 de dezembro de 2002, período de gestão da Prefeita Marta Suplicy, constata:

“Chuvas provocam transbordamento do rio Itaquera Mirim e inundações em Guaianases”

Na tarde de 17 de dezembro, segundo o Centro de Gerenciamento de Emergências (CGE) de Guaianases, choveu 42,6 milímetros. Quantidade significativa, de 25%, prevista para todo o mês na região.

A matéria alerta sobre os bairros do distrito com maiores problemas e enfatiza a falta de assistência por parte das autoridades locais (Polícia Militar, Civil e CET). O problema se agrava na medida em que a região interliga dois municípios, Ferraz de Vasconcelos e Poá.

Notamos a importância da presença das autoridades, pois o caos se torna maior quando motoristas não são alertados e redirecionados para outros caminhos.

Dentro de uma análise mais ampla e, segundo a subprefeitura, esta foi a maior inundação ocorrida na região, afetando diversos bairros, destruindo casas e pertences dos moradores e dos comerciantes.

A edição de nº 223 de janeiro de 2003, ainda período de gestão da prefeita Marta Suplicy, informa:

“Obras de emergência tentam amenizar enchentes no córrego Ribeirão Itaquera”

Após o caos vivido pelos moradores de Guaianases em dezembro do ano anterior, a Secretaria de Infraestrutura Urbana de São Paulo teve como representante o engenheiro Ricardo Rezende Garcia que deu o seguinte informe: “decretada situação de emergência no local”. Este local que o engenheiro diz estar em situação de emergência fica próximo a conjunto residencial chamado Jardim dos Pinheiros, próximo ao bairro Parque Central onde o número de famílias afetadas pela inundação foi bem maior.

Após esta informação, foi possível o início das obras de desobstrução das galerias do córrego Ribeirão Itaquera. As obras começaram 10 dias após a grande inundação e 4 dias depois de uma grandiosa manifestação local por parte dos moradores em prol de melhorias. Apesar de as obras não solucionarem os problemas, sua execução traria para a região uma significativa redução dos alagamentos.

A edição de Ano nº 290 junho de 2006, período de gestão do prefeito José Serra, mostra continuidade do descaso:

“Canalização do Itaquera Mirim continua no papel”

Mais uma vez o jornal faz denúncia do descaso dos órgãos responsáveis pela canalização do córrego Itaquera Mirim. Foi apresentada pelo prefeito José Serra e pelo subprefeito Estevam Galvão, em 2005, uma licitação referente à canalização do Itaquera Mirim, mas devido à saída de José Serra e do subprefeito para disputa do cargo de Governador do, o projeto voltou à estaca zero. Uma conquista que havia sido declarada acabou por ser deixada de lado por motivos políticos.

A edição de nº 382 de abril de 2010, período de gestão do Prefeito Gilberto Kassab, ataca:

“Córrego Itaquera Mirim: obra de canalização está parada desde 2008”

As obras de canalização do córrego foram iniciadas em outubro de 2008 já no mandato de Gilberto Kassab, mas logo foram interrompidas sem data definida para serem reiniciadas. Uma das denúncias mais graves e significativas feitas nesta edição do jornal é a condição dos alunos, professores e funcionários que não estavam conseguindo ter acesso à unidade escolar EMEF João de Lima Paiva. A escola fica em frente ao córrego e, em dias de chuva, a rua fica intransitável, atrapalhando a entrada dos funcionários e dos estudantes na escola.

A edição de nº 386 de junho de 2010, ainda período de gestão do prefeito Gilberto Kassab, relata:

“Após quase dois anos, prefeitura retoma obras no Itaquera Mirim”.

Apesar do início das obras, apenas uma parte do córrego seria canalizada, um total de 450 metros de canalização, trecho do rio próximo ao Mercado Municipal de Guaianases. Após a retomada das obras, a população achou que seria a solução, porém, infelizmente, por mais uma vez, decepcionaram-se com o desfecho.

O jornal Folha de Guaianases, em uma entrevista coletiva, questionou o então subprefeito do distrito, Sr Jorge Perez, sobre a eficiência destas obras em apenas um trecho do córrego. A equipe do jornal não obteve respostas e outras dúvidas surgiram em relação a prazos e a valores, mas estas também não foram esclarecidas.

Contudo, vemos clara falta de diálogo e de transmissão de informações aos moradores, obrigação dos órgãos responsáveis, neste caso a subprefeitura.

É possível afirmar que mesmo esta coletiva tendo sido feita em 2010, no ano de 2012 convive-se ainda com o mesmo problema.

Ao pedir informações na subprefeitura, somos passados de sala em sala explicando o motivo de estarmos lá, mas nada é esclarecido e acaba-se saindo do local com mais dúvidas do que quando se entra. Há falta de comunicação e de pessoas competentes a nos esclarecer dúvidas. As tentativas de entrevistar o subprefeito foram frustradas. Ele nunca estava no local.

O jornal Folha de Guaianases é um pequeno periódico de seis páginas, que retrata os problemas vividos pelos moradores por meio de denúncias, servindo de porta-voz para a população local, mostrando o que realmente está ou não sendo feito para o bem daqueles que ali residem. Um jornal de extrema importância para a região.

Percebe-se que com a leitura e a análise das chamadas reproduzidas neste artigo, ao longo de tantos anos, a população residente em Guaianases infelizmente convive com as questões das enchentes e pouco foi feito para solucionar tais problemas.

O jornal é fonte rica de informação à população e de denúncia sobre o descaso dos órgãos públicos competentes para com os moradores. Durante a realização desta pesquisa, fomos à subprefeitura em busca de algumas informações e as respostas que mais ouvimos foram “não está”, “não sei”, “não temos obrigação de guardar”.

Revela-se, então, descaso com a memória local, com os valores culturais e com informações imprescindíveis que são de extrema importância para os moradores e sua história¹⁹. Acreditamos que a memória seja um dos alicerces para a mudança significativa na atual sociedade.

Esta é uma “homenagem” à memória, aspecto constituinte e multiplicador da dignidade da humanidade e das populações que a compõe. Patrimônio que os órgãos públicos como a subprefeitura de 1987 a 2010 têm desvalorizado ao “queimarem” histórias e fatos, de cinco em cinco anos. Porém, os vestígios ficam e servem de matéria para estudo, para pesquisa e para a reconstrução de algo inicialmente fadado ao esquecimento.

¹⁹ Justificamos aqui nossa afirmação. Ao buscarmos atas e documentos de obras que tenham tido a participação dos moradores na sua elaboração e realização, fomos informados pela secretaria do subprefeito que a subprefeitura não tinha a obrigação de guardar tais documentos por um período superior a cinco anos, e que após este período, estes documentos seriam destruídos ou arquivados em algum local onde a funcionária não sabia informar. Nem mesmo encontramos documentação anterior à fundação do cartório. É como se aqueles que viveram antes da fundação do cartório não fossem agentes de seu tempo, não fizessem parte da história e da memória local.

Bibliografia

BOMTEMPI, Sylvio. *O bairro de São Miguel Paulista: a aldeia de São Miguel de ururá na história de São Paulo*, série história dos bairros de São Paulo – VII,

BRANT, Vinicius Caldeira, coord. *São Paulo: trabalhar e viver*. São Paulo, Comissão Justiça e Paz/Brasiliense, 1989.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.78p.

CARLOS, Ana Fani Alessandrini. *América Latina: cidade, campo e turismo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. Pp378.

História da cidadania. Jaime Pinsky, Carla Bassanezi, (orgs.) 4 ed – São Paulo: Editora Contexto, 2006. In: Mauricio Waldman, Natureza e sociedade como espaço de cidadania.p551

O historiador e seu tempo: encontros com a história. Antonio Celso Ferreira, Holien Gonçalves Bezerra, Tânia Regina de Luca (orgs.). – São Paulo: Editora UNESP: ANPUH, 2008. pp235.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Cidade das águas: uso de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901)* – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.pp318.